

UMA EXPERIÊNCIA DIANTE DE TELAS: DANDO ESPAÇO E VOZ ÀS QUESTÕES SILENCIADAS

*AN EXPERIENCE IN FRONT OF SCREENS: GIVING SPACE AND VOICE TO SILENCED
ISSUES*

Maria Luísa Pires da Silva¹, Emanuelle Nobre Leal², Paulo de Tarso Xavier Sousa Junior³,
Liana Maria Ibiapina do Monte⁴, Elaine Ferreira do Nascimento⁵

RESUMO: Este relato de experiência discorre sobre o segundo ano de atividades do projeto, idealizado e desenvolvido pela equipe da Fiocruz – Piauí, intitulado “II Ciclo de Palestras e Debates: O Exercício do Esperançar no Período Pandêmico”. Este trabalho apresenta como metodologia a realização de cinco rodas de conversa no formato online, uma vez por mês, com a duração de uma hora, por meio da plataforma digital YouTube. Em cada uma delas foram discutidas questões distintas, que envolveram masculinidades e juventudes negras, população em situação de rua, LGBTQIA+ e indígena. Assim, este trabalho objetiva apresentar as ações do segundo ciclo de palestras em 2022, dando ênfase aos principais debates levantados nas exposições, dando visibilidade aos temas e enfatizando a importância da ação do Estado. Portanto, essa experiência permitiu perceber a acuidade dessas ações produzidas no espaço digital realizadas análises por meio do método de interpretação de sentidos. As abordagens de temas tão relevantes durante os debates provocam reflexões que culminam em ações referentes ao “exercício do esperançar”.

PALAVRAS-CHAVE: Encontros. Discussões. Diversidades. Esperançar.

ABSTRACT: This experience report discusses the second year of activities of the project, conceived and developed by the Fiocruz - Piauí team, entitled “II Cycle of Lectures and Debates: The Exercise of Hope in the Pandemic Period”. The methodology used in this work was to hold five conversation circles online, once a month, lasting one hour, using the YouTube digital platform. In each of them, different issues were discussed, involving black masculinities and youth, the homeless population, LGBTQIA+ and indigenous people. Thus, this paper aims to present the actions of the second cycle of lectures in 2022, emphasizing the main debates raised in the exhibitions, giving visibility to the themes and emphasizing the importance of state action. This experience has made it possible to perceive the acuity of these actions produced in the digital space and to carry out analyses using the method of interpreting meanings. The approaches to such relevant issues during the debates provoke reflections that culminate in actions relating to the “exercise of hope”.

KEYWORDS: Meetings. Discussions. Diversity. Hope.

Revista Práticas em Extensão, volume 8, número 4, 2024

DOI: <https://doi.org/10.18817/rpe.v8i4.3528>

Editora-chefe: Camila Pinheiro Nobre

Artigo submetido: 12/12/2023

Artigo aceito: 27/08/2024

Artigo publicado: 26/12/2024

1 Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz Piauí), Teresina (PI), marialuisaps@ufpi.edu.br, <https://orcid.org/0000-0001-8703-0277>

2 Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz Piauí), Teresina (PI), emanuellenobreleal@gmail.com, <https://orcid.org/0000-0003-1969-7605>

3 Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz Piauí), Teresina (PI), paulo_juniorpio@hotmail.com, <https://orcid.org/0000-0002-5493-5376>

4 Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz Piauí), Teresina (PI), lianaibiapina@yahoo.com.br, <https://orcid.org/0000-0002-8339-8477>

5 Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz Piauí), Teresina (PI), negraelaine@gmail.com, <https://orcid.org/0000-0002-1632-9148>

1 INTRODUÇÃO

A pandemia da covid-19, que teve início no Brasil a partir do ano de 2020, assolou o mundo intensificando todos os tipos de desigualdades, causando ainda mais danos para as pessoas pobres, negras, indígenas e todas aquelas que são colocadas à margem da sociedade pelas opressões estruturais do colonialismo racista cisheteropatriarcal capitalista. Deste modo, os grupos que já estavam em situações de vulnerabilidades tiveram que enfrentar ainda mais desafios, como por exemplo: seguir as recomendações de prevenção ao contágio do vírus e a garantir a sua sobrevivência diante da crise humanitária/sanitária imposta.

Ademais, devido a implementação tardia de medidas de contenção do vírus da covid-19 e de assistência social as pessoas em situação de vulnerabilidade no Brasil fizeram com que os índices de pessoas em situação de rua, pobreza e extrema pobreza, da violência contra a juventude negra e do extermínio da população indígena, aumentassem. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE o número de pessoas em situação de extrema pobreza aumentou em 48,2% entre 2020 e 2021, já o número de pobres aumentou 22,7% nesse mesmo período (BRASIL, 2022). A ausência de políticas públicas e de poder econômico provocou a ida desses sujeitos para as ruas, conforme mostra a pesquisa realizada pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – IPEA houve o aumento de 140% de sujeitos em situação de rua em 2020 em relação a 2019, estima-se que em 2020 haviam 221.869 de indivíduos em tal situação (BRASIL, 2020).

Em circunstância disso também houve o aumento da violência, principalmente aquelas que envolviam diretamente o Estado por meio da polícia, que atua a favor dos privilégios da branquitude (pessoas brancas, cis-gênero, heterossexuais e burguesas). Os jovens negros que residem em zonas periféricas e faveladas são as principais vítimas da violência letal estatal, resultante de uma estrutura racista, de acordo com o Anuário Brasileiro de Segurança Pública enquanto a taxa de mortalidade causada por intervenções policiais entre vítimas brancas retraiu 30,9% em 2021, a taxa de vítimas negras cresceu em 5,8%, sendo a maioria destas vítimas jovens de 18 a 24 anos de idade (BRASIL, 2022).

Ainda em conformidade com o levantamento e análise apresentada pelo Anuário Brasileiro de Segurança Pública ocorreu aumento em todas as formas de violência contra a população de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Queer, Intersexuais, Assexuais, Pansexuais (LGBTQIAP+). Os casos de homicídio referente a essa população cresceram 7,2%, os de lesão corporal dolosa 35,2% e os de estupro 88,4%, em comparação aos anos de 2018, 2019 e 2020 (BRASIL, 2022). E, especificamente de acordo com a Associação Nacional de Travestis e Transexuais-ANTRA, neste mesmo período mais de 400 pessoas foram assassinadas e 78% eram travestis negras (ANTRA, 2023), o Brasil é considerado o país da transfobia. É preciso, portanto, questionar as causas que ocasionaram o aumento dessas taxas, refletindo diretamente nos deveres estabelecidos e organizados pelas instituições públicas e privadas.

Os casos de violências contra os povos indígenas também foram acentuados em virtude do projeto de extermínio deste grupo e descaso do governo brasileiro, particularmente na gestão Bolsonaro, que estimulava o uso da violência de fazendeiros em comunidades indígenas (VERA, 2022). O Relatório Violência Contra os Povos Indígenas no Brasil (CIMI), em 2021 foram registrados 33 casos de abuso de poder, 19 de casos de ameaças de morte, 12 de tentativa de assassinato, 39 de ameaças variadas, 176 homicídios, 20 casos de homicídio culposo e 21 de lesões corporais. Foram registrados também 21 casos de racismo e

discriminação étnico-cultural e 14 casos de violência sexual (BRASIL, 2021).

Levando em consideração todas essas problemáticas evidenciadas nos dados supracitados, o Escritório da Fundação Oswaldo Cruz, que se encontra localizada no estado do Piauí, seguiu neste momento adverso com seu compromisso social, agindo de forma direta e indireta no combate a covid-19 e aos demais problemas de saúde. Para dar visibilidade aos grupos estigmatizados e as pautas dos mesmos, foi criado pelos membros do Grupo de Estudos e Pesquisas em Saúde Mental e Juventudes – GPSUV/Fiocruz Piauí, em 2021, o I Ciclo de Palestras e Debates: O exercício do Esperançar no Período Pandêmico. Nessa primeira edição foram discutidos vários temas como: saúde mental, vulnerabilidades na região do Piauí e Rondônia, mudanças nas rotinas devido ao cenário pandêmico e sobre direitos sociais.

Dado a importância das pautas dos debates virtuais no ano de 2022 foi implementado a segunda edição do referido Ciclo. Desta vez, aconteceram cinco rodas de conversa temáticas, sendo elas: “Masculinidades negras, resistências e afetos em tempos tortuosos”; “Juventudes negras, vulnerabilidade e ativismo social”; “A população em situação de rua em tempos difíceis”; “Mediação escolar e população LGBTQI+” e “População quilombola ancestral”.

Este relato de experiência irá apresentar as principais questões discutidas em cada uma das cinco rodas de conversa, sendo essas de suma relevância visto que coloca em evidência questões e sujeitos que são invisibilizados pela sociedade. Deste modo, o projeto mesmo sendo no ambiente virtual é uma ação científica, política e social, já que os temas colocados e as exposições interligaram esses eixos, apresentando as pesquisas e debates acadêmicos, ressaltando a necessidade da intervenção do Estado para garantir os direitos e as mudanças sociais.

Este trabalho objetiva apresentar as ações do segundo ciclo de palestras, dando ênfase as principais discussões levantadas nas exposições, por conseguinte pretende-se dar visibilidade aos temas e enfatizar a importância da ação do Estado. As discussões seguem pautadas nas reflexões promovidas, convidando a todas as pessoas leitoras deste escrito a pensarem coletivamente e a esperançarem.

2 METODOLOGIA

O relato de experiência trata-se de uma importante narrativa científica, que através da linguagem permite uma abertura para análises posteriores e, conseqüentemente, à produção de novos saberes. Seu objetivo visa não apenas descrever ações/atividades, mas potencializar experiências e auxiliar na divulgação das mesmas. Gerando, portanto, novas vivências em espaços diversos (Daltro; Faria, 2019). O II Ciclo de Palestras e Debates: O Exercício do Esperançar no Cenário Pandêmico aconteceu de maneira remota, transmitido no canal do YouTube da Fiocruz/Piauí, o que possibilitou o acesso mais democrático por pessoas (que conseguem acessar a internet) de todo o país. Os encontros foram organizados mensalmente, constituindo um total de cinco rodas de conversa executadas entre março a julho de 2022.

Todas as discussões contaram com a presença de um mediador e duas pessoas convidadas, as quais seriam palestrantes com formações e lugares de fala diferentes. Isso possibilitou a presença de professoras(es), psicólogos, assistentes sociais, enfermeiras, advogados e afins, o que permitiu uma diversificação de depoimentos com diálogos mais plurais. Além disso, houve a possibilidade de interação com os espectadores, que participavam

realizando perguntas e/ou comentários simultaneamente.

Os encontros tiveram uma duração média de uma hora e dez minutos, em que o mediador(a) guiava a discussão com perguntas acerca do tema proposto para aquele encontro. Com base nisso, os participantes convidados argumentavam de acordo com sua formação profissional, oportunizando trocas de vivências e experiências pessoais. Os dados descritos e apresentados aqui foram analisados por meio do método de interpretação de sentidos, onde segundo Gomes (2017) compreende no entendimento dos significados presentes por detrás das falas apresentadas, realizando reflexões críticas com base na literatura da problemática apresentada

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A segunda edição do Ciclo de Palestras e Debates trouxe temáticas diferentes a serem discutidas a cada encontro e o primeiro momento teve como tema “Masculinidades negras, resistências e afetos em tempos tortuosos”. O debate iniciou a partir dos desafios enfrentados pela população masculina negra, que diante de um Estado necropolítico que tem como proposta de sociedade o genocídio dos homens negros, vem buscando mecanismos de sobrevivência. Além do mais, o debate estruturou como o racismo e o patriarcado ainda repercutem na formação subjetiva desses homens, forjando posições machistas, bem como suas ações nos espaços sociais em que reforçam ou não estereótipos e falas discriminatórias, importante problematizar que a articulação de um sistema colonial racista cisheteronormativo capitalista também produzem violência aos homens cis negros, pois estes não irão atingir o padrão da masculinidade dominante.

Outra questão relevante abordada foi a de como os padrões de masculinidade hegemônica e o patriarcado afetam a saúde mental dos homens cis negros, em um cenário em que o Estado e a sociedade pouco produzem serviços de acolhimento para esse segmento da população. Além disso, houve um destaque para a importância da interrelação entre as masculinidades negras e o feminismo negro interseccional dentro das discussões de gênero. Assim, como afirmam Soares, Quadros e Mattos (2022) é preciso acolher esse homem cis negro frente a suas próprias fragilidades e diante da construção do que a sociedade estereotipa entre ser homem cis e negro. Sua construção precisa ser singular e acima de tudo congruente consigo mesmo. Dessa maneira, esse sujeito não só se empodera como também transforma as comunidades e as amarras sociais existentes.

O segundo encontro trouxe o tema “Juventudes negras, vulnerabilidade e ativismo social” para o debate que buscou analisar a relação entre juventudes, desigualdades e racismo dentro de uma estrutura social em conformidade com o extermínio da juventude negra. No cenário pandêmico foi possível perceber um aprofundamento agudizado das desigualdades sociais, devido a um projeto de Estado que é afronecrotranspolítico (Rego, 2019), ou seja, decide quem pode viver e quem deve morrer e de que forma, aqui no contexto de uma crise sanitária, negando o direito à saúde da população periférica. De acordo com Gomes e Laborne (2018, p.2), “Importante compreender que quando se nega o espaço, o trabalho, a saúde, a terra, o alimento, a educação nega-se o direito à vida. A vida deveria ser o mais estruturante de todos os direitos, pois é um direito humano fundamental”.

A violência policial foi citada como um dos principais fatores para o aumento dos dados de mortes e do genocídio da juventude negra. A partir da construção de um estereótipo de suspeito que aterroriza a classe média, o jovem negro vira alvo da polícia que criminaliza e extermina esse segmento da juventude, que na verdade não tem tido o direito e a oportunidade de viver a sua juventude de forma plena, sem direito a julgamento prévio.

Sendo este um problema político, econômico, estrutural e social, é necessário destacar a importância do debate acerca desse assunto.

A pandemia da covid-19 na verdade potencializou o genocídio estrutural dessas juventudes. Diversos segmentos e instituições até mesmo as que fazem parte do Estado também corroboram com a inviabilização dessas juventudes. Movimentos e coletivos são criminalizados, uma vez que o racismo se converge na gênese desses artifícios de exclusão. Dessa forma, é necessário pensar para além deste contexto sanitário, compreendendo as mazelas estruturais segregacionistas e quais personagens seguem construindo e se beneficiando dentro dessas desigualdades estruturais que visam exterminar alguns segmentos juvenis (Barbosa, 2020).

Diversos são os movimentos de resistência contra as opressões que têm sido apresentados por essas juventudes plurais, inclusive a arte tem sido considerada um excelente vetor/caminho, através das múltiplas formas de manifestação artística as juventudes têm encontrado caminhos e possibilidades frente a exclusão e marginalização de a partir da sua voz dando potência aos seus direitos. O rap, por exemplo, passa a ser uma forma de divulgação sobre suas experiências e também diante dos percalços enfrentados. Suas letras e também a composição dos seus coletivos deem vigor a sociedade de um modo geral frente a esses desafios, auxiliando na conscientização de outros segmentos sociais para a construção de mudanças efetivas (Arruda, 2021).

O terceiro encontro abordou o tema “A população em situação de rua em tempos difíceis”, e inicialmente trouxe reflexões acerca de quem seria essa população em situação de rua. O debate também seguiu a fim de sensibilizar para os determinantes dessa importante questão social, como por exemplo o desemprego, a pobreza, a ausência de moradia, os desentendimentos familiares e o consumo abusivo de álcool e/ou drogas.

Dessa maneira é fundamental pensar sobre como essa população é invisibilizada dentro da sociedade, o que determina uma deficiência nos serviços voltados para esse público, que se agravou no contexto pandêmico. “A pandemia evidenciou a necessidade de um Estado forte para atender às necessidades sociais. Precisamos de mais recursos na assistência, na saúde, previdência, habitação e na educação, para que as legislações conquistadas sejam de fato efetivadas” (Tiengo, 2021, p.15).

O tema discutido no quarto encontro foi “Mediação escolar e população LGBTQIA+”, onde foi abordado o contexto adverso que os alunos estão enfrentando, provocado não só pela pandemia, mas também por um conjunto de conflitos em relação aos direitos humanos que estão sendo violados. A partir disso, foram feitas reflexões sobre a utilização da tecnologia de mediação no âmbito escolar para combater e conscientizar sobre o bullying LGBTQfóbico.

A presença de um docente mediador é essencial para que haja uma negociação, e como consequência disso seja feita uma análise imparcial e sem julgamentos precedentes, para definir-se as diretrizes das medidas a serem tomadas e executadas (Bradoni, 2017). Para que isso ocorra é importante destacar a necessidade da formação desses profissionais, não apenas como desenvolvimento pedagógico técnico, mas como gestores de ensino e aprendizagem capazes de mediar esses conflitos.

O encontro potencializou, perante convidados que estão inseridos no contexto escolar, em como toda a comunidade que faz parte dessas unidades possam buscar ações que fortaleçam a mediação e também a singularidade dessa população. O acolhimento a esses alunos diante das suas questões é também uma das tarefas as quais é responsabilidade dessas instituições educacionais. É pensar para além da formação escolar, mas em como esses jovens irão construir suas identidades e conseqüentemente refletir na direção do

seu futuro.

O quinto e último encontro tratou do tema “A população indígena diante da pandemia no Brasil”. Essa pauta trouxe reflexões sobre o processo de invisibilização dos povos originários, agravadas pelas condições políticas contemporâneas, e suas consequências explicitadas durante o período pandêmico. É evidente a questão da vulnerabilidade socioeconômica e sanitária dos povos indígenas no Brasil e que, a partir disso os impactos da pandemia de Covid-19 atingiram de forma mais intensa esse segmento populacional.

Entretanto, é significativo destacar a capacidade de resistência desses povos frente a violações em diferentes contextos. Mesmo diante da pandemia e da negligência do Estado, os povos indígenas ensinam como a organização coletiva é potente e imprescindível para que eles tracem concretamente estratégias próprias de enfrentamento a essas adversidades (Mondardo, 2020).

Após as falas o ciclo não apenas encerrou suas atividades, como também o seu objetivo. A partir daí as reflexões discutidas aqui são necessárias em muitos outros espaços para além do virtual. Com base nisso, as falas convergem diante da necessidade de um esperar no aqui agora, proporcionando que os diversos personagens citados aqui possam seguir o curso das suas existências gozando dos direitos estabelecidos constitucionalmente e promovendo na construção de um país mais justo.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desempenhando um papel fundamental na mudança de hábitos e relacionamentos, criando ambientes de entretenimento e formação de identidade, o ciberespaço é retratado como um lugar novo para as atividades humanas, tanto nas práticas sociais como também nas práticas educacionais e culturais. A partir disso, essa experiência é possível perceber a importância dessas ações produzidas no espaço digital, principalmente durante o período de isolamento e distanciamento social. A abordagem desses temas tão importantes durante os debates provoca reflexões que culminam ações referentes ao “exercício do esperar”.

Esperançar este que inicia desde a construção destas linhas para além das articulações as quais as pessoas que fizeram parte da experiência em questão iniciam. Esta tarefa também pode ser sua, basta promover dentro do seu espaço, território e lugar de fala buscar alternativas as quais potencializem e materializem este esperar em ações palpáveis e de transformação social.

REFERÊNCIAS

ARRUDA, D. P. O que o rap tem a dizer sobre o extermínio da juventude negra, pobre e periférica?. **Mosaico**, v. 13, n. 20, p. 547-561, 2021.

BARBOSA, P. A violência social e o genocídio da juventude negra do Brasil. **História Revista**, v. 25, n. 3, p. 146-166, 2020.

BRASIL. **Fórum Brasileiro de Segurança Pública**: Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2022. Disponível em: <<https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2022/06/anuario-2022.pdf?v=5>>. Acesso em: 12 de dez. de 2022.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. **Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira: 2022**. Coordenação de População e Indi-

cadores Sociais. Rio de Janeiro: IBGE, 2022. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101979.pdf>>. Acesso em: 10 de dez. de 2022.

BRASIL. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – IPEA. **Estimativa da População em Situação de Rua no Brasil** (setembro de 2012 a março de 2020). n° 73. Brasília – DF: IPEA, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/10074/1/NT_73_Disoc_Estimativa%20da%20populacao%20em%20situacao%20de%20rua%20no%20Brasil.pdf>. Acesso em: 10 de dez. de 2022.

CONSELHO INDIGENISTA MISSIONÁRIO – CIMI. **Relatório Violência Contra os Povos Indígenas no Brasil** – Dados de 2021. Disponível em: <<https://cimi.org.br/wp-content/uploads/2022/08/relatorio-violencia-povos-indigenas-2021-cimi.pdf>>. Acesso em: 12 de dez. de 2022.

DALTRO, M. R.; FARIA, A. A. DE. Relato de experiência: Uma narrativa científica na pós-modernidade. **Estudos e pesquisas em psicologia**, v. 19, n. 1, p. 223-237, 2019.

GOMES, N. L.; LABORNE, A. A. DE P. Pedagogia da crueldade: racismo e extermínio da juventude-negra. **Educação em Revista**, v. 34, 2018.

GOMES, R. Análise e interpretação de dados de pesquisa qualitativa. In: Monayo, M. C. de S.; Deslandes, S. F.; Gomes, R. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

MONDARDO, M. Povos indígenas e comunidades tradicionais em tempos de pandemia da Covid-19 no Brasil:: estratégias de luta e r-existência. **Finisterra**, v. 55, n. 115, p. 81-88, 2020.

REGO, Y. L. P. Reflexões sobre afronecrotrofobia: políticas de extermínio na periferia. **Humanidades & Inovação**, v. 6, n. 16, p. 167-181, 2019.

SOARES, D.; QUADROS, L.; MATTOS, A. O Pranto nas Masculinidades Negras: Das águas de AmarElo que (de) moram nos olhos. **Revista Brasileira de Estudos da Homocultura**, v. 5, n. 16, p. 146-170, 2022.

TIENGO, V. M. A pandemia e seus impactos para a população em situação de rua. **Revista de Políticas Públicas**, v. 25, n. 1, p. 46-62, 2021.

VERA, F. **Mba'e Megua problematização e percepção das crises a partir da ideia de risco na visão dos Guarani e Kaiowá: a política anti-indígena e a ascensão do Governo Bolsonaro**. 2022. 117 f. Dissertação (Mestrado em Educação e Territorialidade) - Faculdade Intercultural Indígena, Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, MS, 2022.